

A união dos que usam a terra

Sete povos indígenas de Rondônia e Mato Grosso se reuniram em assembléia no mês de outubro para discutir desde a situação das áreas até questões referentes à saúde. Representantes do movimento dos sem-terra também estiveram presentes, resultando em uma aliança entre índios e trabalhadores

Pio Cinta-Larga, Antenor Karitiana, Artur Kaxarari e um líder suruí, durante a II Assembléia Indígena



Fotos: Egon Heck

“Nosso problema não tá brincadeira. Nós temos que brigar tudo junto.” É Anine, cacique suruí dando início à II Assembléia Indígena de Rondônia ocorrida entre 37 lideranças kaxarari, karitiana, arara, suruí, cinta-larga, oro-wari (pakaanova) e nambikwara. Durante três dias 9, 10 e 11 de outubro último, eles estiveram reunidos em Porto Velho (RO) para discutir a situação de suas terras, saúde, educação, organização e concretizar uma aliança com trabalhadores sem terra.

Dos povos que participaram do encontro, a maioria está com as terras invadidas. No Igarapé Lourdes, por exemplo, área dos Arara e Gavião, há cerca de 50 colonos desde o mês de agosto deste ano. Outros 500 ameaçam fazer o mesmo.

Nas terras dos Cinta-Larga a situação não é diferente. O parque do Aripuanã, após ter sua área reduzida pela metade em 1974, conta hoje com 97 alvarás de pesquisa mineral autorizados pelo Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM), órgão do Ministério das Minas e Energia. Na Área Indígena Serra Morena, o norte foi aberto pelo governo do Estado do Mato Grosso à colonização. Na área Roosevelt há dois alvarás que autorizam a pesquisa mineral e na Área Indígena Aripuanã, além das fazendas, o Interamat (Instituto de Terras do Mato Grosso) planejou um loteamento ilegal.

SURUÍ

Apesar de terem perdido metade de suas terras, demarcadas em 1976, para colonos que nelas construíram a cidade de Espigão do Norte (RO), os Suruí acreditam que hoje não há invasões em seu território, a Área Indígena Sete de Setembro. No entanto, como a fiscalização da Funai é precária, o risco é constante. Mas se invasões voltarem a

ocorrer, o cacique Anine avisa que “vai virar todos os índios contra eles (os invasores). Ai vai ter guerra”.

Quanto aos Pakaanova, que vivem atualmente em cinco áreas indígenas, estão com apenas uma delas, a Pakaanova, invadida por 30 colonos. Já o território nambikwara é frequentemente invadido por garimpeiros e mineradoras.

Nas terras dos Karitiana, onde vivem cerca de 130 pessoas, há seis alvarás do DNPM autorizando a presença de mineradoras. Além dos garimpeiros, seringueiros e as fazendas que aos poucos vão se aproximando da área.

ALIANÇA

Só nos Estados de Rondônia há atualmente nove milhões de hectares de terras ociosas, ao mesmo tempo que 50 mil famílias de trabalhadores continuam sem terra. Um dos motivos da presença dos representantes estadual e municipal do movimento dos trabalhadores sem terra em Rondônia, Divino Martins Miranda e Ananias de Souza Pereira, na II Assembléia Indígena. “Enquanto o trabalhador tá brigando com o índio, eles (os grandes proprietários de terra) ficam livres”, diz Ananias. E completa: “É o fazendeiro, o governo que jogam o trabalhador em cima do índio”.

Mas há o que fazer. “A gente poderia entrar na luta juntamente com os índios”, afirma ele. “A gente senta com as lideranças indígenas e juntos vamos fazer um plano de trabalho. A gente fala: o índio tem muita terra. Não, o índio não tem muita terra. Eu acho que a gente tem que procurar se unir e articular todas as aldeias e trabalhar”.

Uma mostra de que é possível essa aliança foi

dada por Ailton Krenak, da coordenação da UNI (União das Nações Indígenas). “No mês de junho (deste ano) algumas lideranças indígenas de Rondônia puderam participar de uma reunião aqui em Porto Velho com trabalhadores rurais sem terra, seringueiros e colonos. Nós tiramos um documento que foi entregue ao governador do Estado, Angelo Angelin, dizendo que não queríamos que usassem o nome dos colonos pra pedir dinheiro em Brasília para projetos de colonização do INCRA. Então Angelo Angelin ficou todo assustado. Ele pede recursos para os trabalhadores e dizendo que vai levar assistência de saúde pros índios. Quando na verdade sabemos que ele vai estar prestando um serviço às empresas mineradoras”.

CONSELHO INDÍGENA

Quando se reuniram pela primeira vez em assembléia, no mês de setembro do ano passado, os povos indígenas de Rondônia e norte do Mato Grosso criaram o Conselho Indígena de Rondônia para acompanhar o trabalho de órgãos como a Funai, IBDF e Sema (Secretaria do Meio Ambiente) nas áreas indígenas. Dessa vez, o necessário foi fortalecer o Conselho, ampliando-o. Fazem parte dele agora:

Suruí: Anine, Idiaraga, Joaquin, Nakoda, Itabira, Samuel, Raimundinho
Cinta-Larga: Pichuvi, Roberto e Pio
Kaxarari: Alberto, Satnuca
Arara: Rodrigo
Oro-Wari: Paojam

A representação nambikwara seria definida em reunião das comunidades ainda no mês de outubro. Mas até o fechamento desta edição, o PO-RANTIM não havia recebido o resultado do encontro.